



CELMA MENDES DA SILVA QUEIROZ

**ETARISMO FEMININO E AS QUESTÕES ACERCA DO
ENVELHECER**

**Cuiabá/MT
2023**

CELMA MENDES DA SILVA QUEIROZ

**ETARISMO FEMININO E AS QUESTÕES ACERCA DO
ENVELHECER**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia, da Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Olga A. Leiva C de Santana.

**Cuiabá/MT
2023**

CELMA MENDES DA SILVA QUEIROZ

**ETARISMO FEMININO E AS QUESTÕES ACERCA DO
ENVELHECER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia– da Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em 2023.

MS. OLGA A. L. C. DE SANTANA
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia– FASIPE Cuiabá

ESP. CAROLINE PILONI SOCCOL
Avaliadora
Psicóloga da Secretaria de Estado e Segurança Pública

ESP. DIEGO ANIZIO DA SILVA
Professor Avaliador
Departamento de Psicologia – FASIPE Cuiabá

JÓSE GUEDES VIEIRA
Coordenadora do Curso de Psicologia
Departamento de Psicologia – FASIPE Cuiabá

**Cuiabá/MT
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu marido, meu companheiro e meu eterno amor Walmir, sem ele eu não teria conseguido chegar até aqui. Ele me apóia, me incentiva e me encoraja. Muito obrigada meu amor, por me ajudar a realizar este sonho!

Às minhas filhas, Maria Eduarda e Camila Vitória que me ajudaram e me incentivaram nos estudos durante todos esses anos. É por vocês que continuo sonhando e crescendo como mulher, esposa, mãe, filha e amiga.

Aos meus pais Sebastião e Célia, meus maiores exemplos de seres humanos. Com eles aprendi a compartilhar, a doar, ajudar as pessoas, a não julgar e não ter preconceitos.

Enfim, dedico este trabalho a toda a minha família, irmã(o)s, cunhada(o)s, sobrinha(o)s, amiga(o)s, professores que me ajudaram a chegar até aqui. Gratidão eterna!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho às seguintes pessoas:

Primeiramente à Deus, pela minha vida, por me permitir buscar e alcançar o meu sonho, e meu projeto de vida, sou uma pessoa hoje muito melhor que antes.

À Faculdade Fasipe Cuiabá, pela oportunidade de fazer o curso.

À professora Ms. Olga A. Leiva Cabelho de Santana, pela orientação, apoio e confiança.

A todos os professores que me proporcionaram conhecimento, em especial aos meus eternos professores, os levarei para sempre em meu coração: Leonardy Negrini, Lucas Guerra, Daniele Soares, Victor Hugo e Hugo Higino.

À professora Daniele Soares, é com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu agradecimento por tudo que fez por mim, pela confiança e pelos seus ensinamentos.

Gratidão!

Aos meus colegas, em especial às minhas amigas Maria Levina, Luciana, Katiliani e Eliane. Obrigada por fazerem parte dessa jornada e da minha vida. Fazer esse curso com vocês foi uma das maiores experiências da minha vida, foram muitas risadas e também muitos perrengues.

Agradeço ao meu marido Walmir pelo apoio e incentivo, sem ele eu não teria conseguido.

Ofereço este trabalho ao meu sogro (*in memoriam*) falecido aos 92 anos; e a minha sogra tão amada (*in memoriam*) falecida aos 92 anos. Sou grata por tê-los conhecido e ter sido para mim uma referência de dedicação, amor e de bem viver. Eles foram inspiração para minha pesquisa sobre a “velhice”.

EPÍGRAFE

Paremos de trapacear: o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera.

Não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles.

Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana.

Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito.

Somos nós os maiores interessados.

(SIMONE DE BEAUVOIR)

QUEIROZ, Celma Mendes da Silva. **Etarismo Feminino e as questões acerca do envelhecer**. 2023.48 folhas. Monografia – FASIPE Cuiabá

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo do envelhecimento e a maneira como o etarismo afeta a vida das mulheres. Para tanto, adotou-se o modelo de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e análise exploratória. O levantamento de literatura foi realizado na biblioteca da Faculdade Fasipe-Cuiabá, no Google Acadêmico, Ebook Kindle, Scielo, Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Web of Science. A seleção de textos para composição da amostra foram estudos produzidos entre os anos de 2011 e 2022. Os estudos encontrados apontaram como o etarismo e os estereótipos construídos em torno da velhice feminina impactam negativamente mulheres, principalmente as que estão envelhecendo, afetando sua auto imagem, auto-estima e sua saúde mental. A estrutura machista e ainda patriarcal oprime e impõe um padrão inalcançável para as mulheres que produz sofrimentos, que se intensifica com o passar da idade. As mulheres em processo de envelhecimento são alvos do etarismo e são duplamente expostas às violências. Todavia, muito já se avançou através das lutas feministas. Os estudos sinalizaram para um movimento crescente no mundo de mudança de paradigmas em relação ao envelhecimento, mobilizando esperanças para as mulheres que sofrem diariamente com a pressão social em relação ao etarismo.

Palavras-chave: Etarismo, Feminino, Velhice, Machismo, Sociedade.

QUEIROZ, Celma Mendes da Silva. **Female ageism and questions about aging**. 2023.48 fls. Monograph – FASIPE Cuiabá.

ABSTRACT

This research aims to understand the aging process and the way in which ageism affects women's lives. For that, we adopted the bibliographical research model of qualitative nature and exploratory analysis. The literature survey was carried out in the Fasipe-Cuiabá Faculty library, Google Scholar, Kindle Ebook, Scielo, Virtual Library of Theses and Dissertations, Virtual Health Library (BVS), Web of Science. The selection of texts to compose the sample were studies produced between the years 2011 and 2022. The studies found showed how ageism and stereotypes built around female old age negatively impact women, especially those who are aging, affecting their self-image, self-esteem and your mental health. The macho and still patriarchal structure oppresses and imposes an unattainable standard for women that produces suffering, which intensifies with age. Women in the aging process are targets of ageism and are doubly exposed to violence. However, much progress has already been made through feminist struggles. The studies signaled a growing movement in the world of changing paradigms in relation to aging, mobilizing hope for women who suffer daily from social pressure in relation to ageism.

Keywords: Ageism, Feminine, Old age, Machismo, Society.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
COVID-19	Doença do Corona-vírus 19
EBOOK	Livro digital
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
KINDLE	Leitor digital
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
WEB OF SCIENCE	<i>Portal de periódicos da capes</i>
WHO	<i>Health Organization</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1.	VELHICE: conceito, história e significados.....	15
2.2	EVOLUÇÃO DO CONCEITOS SOBRE ENVELHECIMENTO.....	19
2.3	ENVELHECIMENTO ENTRE OS GÊNEROS SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIAL	23
2.4	DO ETARISMO AO ETARISMO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE.....	27
2.5	O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA	31
2.6	A MULHER CONTEMPORÂNEA FRENTE AO ETARISMO.....	36
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Envelhecer é um processo natural da humanidade. Ele ocorre desde o nascimento e não se resume ao transcorrer do tempo ou à idade cronológica. Desta forma, o envelhecimento humano, pode ser compreendido como um processo complexo e composto pelas diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica e social (SCHNEIDER & IRIGARAY 2008, p.2). É constituído de processos biopsicossociais, que impactam de maneira significativa a vida das pessoas, independentemente de qualquer particularidade sejam elas de etnia, classe social, orientação sexual ou de gênero" (MANHÃES *et al*, 2018, p. 30).

Ao longo da história, o conceito de velhice foi encarado de diversas formas por diferentes sociedades. De acordo com Simone de Beauvoir (2018), a construção da velhice é um processo social e cultural, que envolve a criação de significados e valores em torno do envelhecimento e do corpo velho, que perde sua função social na economia capitalista. E que ainda, segundo Beauvoir (2018), poderia ser percebida de modos diferentes, e que causaria um fenômeno psíquico, principalmente para algumas mulheres. Ou seja, ela descreveu a opressão como um fenômeno psíquico, no sentido de que as mulheres internalizam as expectativas e normas sociais impostas a elas, o que afeta a sua percepção de si mesma e seu lugar na sociedade.

Sob essa perspectiva De Beauvoir (2018), o meio social e cultural vão construir a subjetividade humana e os modos de identificação das pessoas. O meio social no qual vivemos se organiza de modo a permitir as desigualdades de gênero e a distribuição de poderes para os homens e mulheres de maneira desigual. Os processos biológicos são diferentes para homens e mulheres, e na maturidade o fenômeno do envelhecer feminino pode trazer algumas questões específicas, além do declínio biológico, o aspecto emocional pode ser afetado também.

Simone de Beauvoir (2018) argumenta que a construção da velhice é influenciada por fatores como gênero, classe social e raça, e que as mulheres enfrentam desafios adicionais na velhice devido à discriminação de gênero. Os estereótipos construídos em torno da velhice podem acarretar para as mulheres o medo e a vergonha de envelhecer. A mulher sofre mais com o processo da degenerência física, pois a beleza e a juventude feminina são atributos que na sociedade contemporânea que confere a ela o status de sujeito.

De acordo com Winandy (2021, p. 39), no caso do envelhecimento, os estereótipos mais comuns são negativos, que dão origem ao preconceito e discriminação, por isso os estereótipos seriam as raízes do etarismo. Segundo Salles (2021), “o termo etarismo cunhado por Butler é uma tradução da palavra inglesa “*ageism*” (preconceito de idade) para designar os atos de intolerância dirigidos a uma pessoa ou a um grupo de pessoas baseados em sua idade”. Sendo que as mulheres são frequentemente submetidas a formas de preconceito que estão profundamente entrelaçadas com expectativas e estereótipos baseados em gênero.

Desde crianças, meninas são submetidas aos estereótipos de gêneros e ao adentrar na adolescência a pressão muda para traçar o futuro ideal: casar-se, ter filhos, envelhecer, ser avó, tudo isso junto à pressão de se adequar aos padrões de beleza já impostos pela sociedade. De acordo com Rolim (2021 *apud* Cepellos, 2021, p.10), as mulheres por volta dos quarenta anos de idade sofrem com o preconceito etário. Elas deixam de ser contratadas, não são escolhidas como par romântico, são as melhores amigas. E assim, vão sendo excluídas.

Geralmente após os 30 anos mulheres começam a sentir e a sofrer muito mais com o etarismo, priorizando a manutenção de aspectos físicos associados à juventude. E para muitas mulheres isso se dá ao longo desse processo de envelhecimento, fazendo com que seja uma etapa, para algumas, mais difícil e por vezes até dolorosa, sendo não raras vezes necessário auxílio psicoterapêutico neste momento. Por outro lado, o envelhecimento populacional é um fenômeno global, e o etarismo pode se tornar mais significativo à medida que mais pessoas envelhecem e enfrentam o preconceito relacionado à idade afetando a qualidade de vida, sua autoestima e a saúde mental.

Para Winandy (2021), o etarismo é um termo usado para definir o preconceito em relação à idade e para algumas mulheres esse preconceito tem sua gênese em si mesma. Portanto, compreender como se dá esse processo do envelhecimento do corpo feminino, em seus aspectos biológicos e psicológicos é de suma importância. Um corpo que começa a envelhecer, a perda das funções reprodutivas, pré-menopausa são algumas questões que a mulher precisará lidar e ao mesmo tempo se reconhecer nesse processo.

Consoante a isso, Winandy (2021, p.19), afirma que “o envelhecimento é um tema tabu” em nossa sociedade. As pessoas evitam o assunto, como se falar sobre a velhice trouxesse consigo o envelhecimento em si.”. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (2018, p.12) deixa claro que é preciso “quebrar a conspiração de silêncio”, quebrar o silêncio acerca do envelhecer, em torno da velhice.

Portanto, falar sobre o etarismo feminino e as questões acerca do envelhecer para as mulheres na atualidade, também é relevante porque afeta direta e indiretamente a maneira como são vistas e tratadas na sociedade, especialmente à medida que envelhecem. Em vista disso, para a maioria das mulheres, a questão do etarismo ao longo da vida é bem visível, ocorrendo desde a sua inserção no mercado de trabalho a idade para o casamento, a idade para se ter filhos, e os obstáculos para conciliar e equilibrar a vida profissional e pessoal. E ao lidar com essas dificuldades impostas pela sociedade, sentimentos de medo, vergonha, e sofrimentos diversos podem ser vivenciados.

“A gerontofobia, é o termo usado para identificar o medo irracional de envelhecer, que costuma estar relacionado com mudanças na aparência, declínio na saúde, possibilidade de dependência na velhice e medo da solidão” (WINANDY, 2021, p. 28). Para Manhães *et al* (2018, p. 32), “em qualquer etapa da vida, o medo e a vergonha podem se fazer presente, podendo ser patológicos ou não”. Atingem muitas pessoas, em especial as mulheres na faixa dos 30 anos aos 50 anos, que buscam auxílio da psicoterapia para lidar com esse medo.

Segundo Winandy (2021, p. 14) “para algumas mulheres, a noção de envelhecer bem pode estar relacionada à tentativa de minimizar rugas, flacidez e cabelos brancos, afastando tudo o que pode ser associado à velhice”. Portanto, é importante o debate social sobre o tema e os estigmas do envelhecimento feminino, com vistas a combater o etarismo em todas as suas formas.

Sabe-se que o processo de envelhecimento é um processo delicado e complexo, ao passo de acarretar muitas questões sociais, especialmente às mulheres. A sociedade ainda expressa discursos preconceituosos e impõe regras e limites que prejudicam a saúde mental e emocional das pessoas idosas, e duplamente das mulheres. Diante disso, surge a questão: Como as mulheres compreendem o processo de envelhecer, as relações com o etarismo e o sistema patriarcal.

O interesse pelo tema etarismo feminino surgiu a partir de experiências vividas em campo de estágio durante a graduação. O estágio foi realizado junto à equipe de mestrado da Professora/Preletora Juliana Dalva Rodrigues Coabianco (Fisioterapeuta), composta pelos alunos estagiários em graduação da Educação Física, Fisioterapia, Zootecnia, Psicologia e

Pedagogia da UFMT e Faculdade Fasipe Cuiabá, e teve como finalidade o projeto de pesquisa “Efeitos da Equoterapia no desempenho motor, indicadores fisiológicos e perfil antropométrico da pessoa idosa” no ano de 2021, cujo objetivo foi analisar aspectos da prática da Equoterapia na produção de benefícios para as atividades da vida diária dos idosos.

Outra motivação para o interesse nessa pesquisa foi de cunho pessoal, uma vez que percebi que praticava o etarismo comigo mesma. Ao assistir em 24/10/2021, uma reportagem no Fantástico, *“Isso tem nome: entenda o que é etarismo, a discriminação por idade”*, entendi a necessidade da desconstrução, e que isso seria importante para o crescimento pessoal e profissional, bem como compreender melhor essa questão social tão atual na sociedade e ao mesmo tempo pessoal.

Dito isso, o presente trabalho segue a seguinte estrutura: Introdução, Revisão de Literatura, Procedimentos Metodológicos, Considerações Finais e Referências Bibliográficas. A revisão de literatura está dividida em duas sessões: a primeira aborda a velhice, sua construção histórica, seus significados; a evolução dos conceitos sobre envelhecimento; envelhecimento entre os gêneros sob a perspectiva histórica e social, do etarismo ao etarismo feminino. A outra sessão aborda o papel da mulher na sociedade ao longo da história; questões da mulher contemporânea frente ao etarismo, abordando estratégias para superar o contexto de exploração das mulheres. No final são apresentadas algumas considerações e desejos para que esse trabalho possa encorajar outras mulheres a se libertarem do etarismo.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é compreender como os estereótipos de gêneros e o etarismo afetam o processo de envelhecimento de mulheres na contemporaneidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender o processo de envelhecimento, evidenciando os aspectos históricos-sociais;
- Analisar as formas como o etarismo atua na vida das mulheres mediante os estereótipos de gênero;

Problematizar o papel da mulher no combate ao etarismo feminino na atualidade, buscando contribuir na criação de estratégias de enfrentamento para o problema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. VELHICE: conceito, história e significados

O conceito “velhice” varia de acordo com a cultura e o momento histórico, possuindo diversos significados nas diferentes sociedades. A idéia de velhice surgiu no século XIX, com as diferenciações entre as idades e as especializações das funções, hábitos e a divisão entre espaços relacionados a cada grupo etário (SILVA, 2007).

Desse modo, segundo Silva (2007, p. 3), a concepção de velhice é uma construção sócio-histórica, onde não existiam essas diferenciações de idade anteriores ao século XIX. Somente a partir do surgimento da categoria de “infância” e da “família moderna” é que surge a noção de velhice. Ou seja, os sentidos que a velhice foi adquirindo são resultados de construções sociais e temporais, que estão localizadas em uma determinada sociedade, com seus próprios valores e princípios, os quais são atravessados por questões multifacetada, multidirecionadas e contraditórias (SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008, p. 4).

Desde os tempos antigos a velhice carrega sentidos contraditórios, ambíguos e por vezes opostos. Conforme Schneider e Irigaray (2008, p. 4) observou em seus estudos, algumas culturas entendem a velhice como um tempo de sabedoria que expressa experiência de vida, motivo de inspiração, enquanto outras culturas, ela é sinal de decadência, um peso e um fardo para os mais jovens. Esse contraste descrito pelo autor ocorre em razão da grande multiplicidade cultural entre os dois povos estudados por Uchôa (2003, *apud* SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008, p. 4). De acordo com o estudo, os povos não ocidentais “apresentam imagens positivas da velhice e do envelhecimento, ensinando que a representação de velhice enraizada nas idéias de deterioração e perda não é universal” (UCHÔA, 2003, *apud* SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008, p.4). Este estudo permite inferir que o imaginário sobre a velhice está diretamente influenciado pela cultura de cada sociedade.

Iniciando seu percurso desde a antiguidade, Simone de Beauvoir (2018) desenvolve um estudo profundo acerca da velhice, trabalhando com exemplos da Índia, Egito, Grécia e Roma, seguindo pela Idade Média até o período pós-revolução Industrial nos anos de 1970. Afirma a autora que com o passar do tempo a velhice passou de um lugar de sabedoria para um lugar de terror (BEAUVOIR, 2018). A velhice é como uma face de horror que precisa ser negada pelas sociedades capitalistas que cultuam a juventude, a beleza, o vigor e a produtividade como símbolos de vigor e vida (BEAUVOIR, 2018).

Para Silva (2007, p. 4), o surgimento da velhice ocorre no decorrer do processo de modernização das sociedades ocidentais com o processo de industrialização do trabalho. A velhice surge como produção discursiva, a partir da inserção dos sujeitos na série moderna de disciplinamento, e modo de produção industrial, sendo sobretudo resultado do investimento do discurso médico, jurídico e estatal sobre o corpo envelhecido (Katz, 1995, 1996, *apud* Silva, 2007, p.4). Nesse processo:

Uma série de mudanças específicas e a convergência de diferentes discursos acabaram ordenando o curso da vida e gerando condições para o surgimento da velhice. Dois fatores se destacam como fundamentais e determinantes: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias. (SILVA, 2007, P.4).

Para Beauvoir (2018) a velhice:

É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. (BEAUVOIR, 2018, localização 183).

É a partir de uma abordagem social e inserida no contexto familiar que a autora tematiza a velhice, enfatizando as mudanças de tratamento que as pessoas velhas enfrentam no contexto sócio-familiar. Em contrapartida à velhice enquanto uma condição, o envelhecimento é um processo multifatorial que inclui alterações biopsicossociais, que são singulares e dependem do contexto particular de cada pessoa, tornando o processo de tornar-se velho único e particular (NASCIMENTO, 2021). Todavia, devido ao modelo de sociedade em que vivemos o imaginário social ainda se percebe a velhice de maneira negativa, carregada de estereótipos negativos que atribuem à velhice uma condição de precariedade.

Para a filósofa francesa, o maior drama vivido na velhice é não conseguir realizar o que se quer da maneira que se quer:

Concebe, projeta e, no momento de executar, seu organismo se esquiva; a fadiga quebra seus impulsos; ele busca suas lembranças através de brumas; seu pensamento desvia-se do objeto que havia fixado. A velhice é, então, sentida – mesmo sem

acidente patológico – como uma espécie de doença mental em que se conhece a angústia de se escapar a si mesmo (BEAUVOIR, 2018, localização 6193).

Nas sociedades capitalistas de maneira geral as pessoas velhas são destinadas à solidão e ao abandono. Beauvoir (2018) é enfática:

O velho enquanto categoria social, nunca interveio no percurso do mundo. enquanto preserva uma eficácia, ele permanece integrado a coletividade (...) quando perde suas capacidades, aparece como outro, (...) um puro objeto; (...) ele não serve para nada: nem valor de troca, nem reprodutor, nem produtor, não passa de uma carga (BEAUVOIR, 2018, localização 1637).

Para a autora com o passar dos anos as pessoas tendem a assumir os traços da velhice e sentem perder a utilidade, assumindo para si uma visão negativa que a sociedade construiu no imaginário social sobre a velhice. O que Simone de Beauvoir (2018) disse no século XX é muito atual e merece nossa atenção:

“Ao invés de valorizarmos a experiência sobrevinda com a idade, a “maturidade”; reduzimos e sufocamos a memória e os projetos dos idosos, roubamos-lhes a confiança, as possibilidades de caminho e de sentido. Também nos recusamos a nos reconhecer no velho que seremos” (BEAUVOIR, 1970, p. 221 *apud* NASCIMENTO, 2021, p. 246).

Beauvoir (2018) descreve como nas sociedades antigas a função dos anciões eram fazer chover, ensinar os segredos dos ofícios, plantio, artesanato, das medicinas tradicionais, de exercer o papel de oráculo e sacerdócio, ou seja, eles ocupavam um lugar de prestígio, poder, reconhecimento e respeito. Em contrapartida, a autora demonstra como no século XX esses mesmos valores já não eram considerados importantes, haviam perdido sua utilidade para a manutenção do sistema capitalista e para própria sobrevivência da espécie (BEAUVOIR, 2018).

Esse imaginário negativo em torno da velhice foi construído ao longo do tempo baseado através de discursos biomédicos aliados aos interesses econômicos do Estado (SILVA, 2007). Na medida em que a economia capitalista avança, a demanda por produção aumenta, o que exige do trabalhador uma maior condição de exposição a longos períodos de trabalhos precários. Simone de Beauvoir (2018) aponta a crueldade dessa lógica econômica com a pessoa idosa:

Para aumentar o lucro, o capitalismo procura a todo o custo aumentar a produtividade. À medida que os produtos se tornam mais abundantes, o sistema exige uma alta do rendimento. Os velhos trabalhadores não são capazes de se adaptar às cadências impostas aos operários. Ficam reduzidos ao desemprego, e a sociedade os trata como párias (BEAUVOIR, 2018, localização 4854).

Essa condição degradante a qual o corpo velho é exposto revela as conseqüências das condições de vida impostas pelo modelo econômico capitalista que, na medida em que o corpo velho perde sua funcionalidade, torna-se inútil. Para Beauvoir (2018) esse processo é ainda mais cruel com as mulheres, tendo em vista que nas sociedades ocidentais os estereótipos femininos de beleza, juventude e graciosidade devem ser mantidas a todo custo, e que na velhice todo esse esforço lhes são retirados no passar dos anos.

Em uma sociedade que valorizam ideais de juventude, beleza e produtividade, o imaginário negativo associado à velhice logo permitiu que a medicina moderna lhe tomasse como objeto de estudo, associando a ela doenças, debilidades e limitações.

A partir do surgimento da medicina moderna, tende-se a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. A morte passou a ser vista, então, como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera (SILVA, 2007, p.4-5).

A velhice passou a ser o tempo das doenças, debilitações e dos fins: fim da saúde, do trabalho, do prazer, do sonho, do futuro, da vida. A medicina reforçou o ideal social de inutilidade criado pela economia capitalista e nesse momento, a velhice assume um status de problema de saúde pública, uma preocupação do Estado, uma vez que na atualidade o individualismo acaba deixando de lado as necessidades da população idosa. Essa também é a realidade vivida no Brasil:

Como o Brasil não se projetou adequadamente para atender às necessidades da população idosa, o envelhecimento é tratado como um “problema” e não como uma conquista, sendo os idosos vistos como um encargo para a família, para o Estado e para a sociedade. (JARDIM *et al*, 2019, p.26).

Todavia é importante compreender que todo o imaginário social negativo criado em torno da velhice é um produto cultural da sociedade e que não reflete necessariamente a crença pessoal, variando a depender das relações sociais, familiares e culturais que cada um estabelece (SILVA, 2007).

No imaginário social, o envelhecer está associado com o fim de uma etapa; é sinônimo de sofrimento, solidão, doença e morte. Dificilmente neste imaginário se vê algum prazer de viver essa fase da vida. O negativismo em torno do processo de envelhecimento foi construído historicamente na sociedade (JARDIM *et al*, 2019, p.27).

Todavia, é possível perceber que a percepção negativa acerca da velhice geralmente está associada a uma visão externa ao sujeito. Segundo Jardim *et al* (2019):

Com base em estudos realizados sobre a representação da velhice, verifica-se que o estigma negativo da velhice sempre vem na visão do outro; o próprio idoso vê o processo do envelhecimento como um tempo oportuno para a construção de algo novo (JARDIM *et al*, 2019, p.29).

Apesar de toda a carga negativa que o imaginário social impõe sobre a velhice, o que se percebe é que existe a possibilidade de viver o envelhecimento de outras maneiras. Entretanto, é importante se atentar ao que Simone de Beauvoir (2018) diz acerca dos impactos da velhice e de como é preciso mudar a maneira de se compreender esse processo:

A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar, se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias, e solitárias (BEAUVOIR, 2018, localização. 10.615-10.627).

Faz-se necessário uma reorganização de toda a sociedade, para que possamos pensar maneiras de produzir a posituação da identidade dos idosos, reconhecendo tudo o que existe de importante nesse momento da vida para que seja desfrutado da melhor maneira possível, independentemente das limitações impostas pelo tempo cronológico.

2.2 EVOLUÇÃO DO CONCEITOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Com o avanço das ciências médicas, as questões da longevidade e da morte passam a ser objeto de estudo da medicina. Segundo Silva (2007), “a morte passou a ser vista, então como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera.”

Nesse processo, a geriatria, segundo Silva (2007, p. 5), não só distingue a velhice das outras etapas da vida, mas também a define como decadência física. Surge então a especialidade do saber da gerontologia: Estudo do processo do envelhecimento e das questões relacionadas com o processo de envelhecer. O seu surgimento está relacionado à crescente preocupação com o envelhecimento da população e as conseqüências sociais, econômicas e de saúde associadas ao aumento demográfico populacional de idosos.

Segundo Santos (2001 *apud* Nascimento 2021, p. 240), “a velhice é considerada pioneira na área do envelhecimento humano, de tal modo que influenciou vários estudos na área da Gerontologia”. Todavia essa visibilidade ocorre quando a velhice se torna um problema coletivo e traz dados para o Estado e a sociedade.

Adentrando a contemporaneidade, Schneider e Irigaray (2008, p.2) conceituam os principais aspectos que configuram o processo de envelhecimento na sociedade atual:

A etapa da vida caracterizada como velhice, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido, produzindo diferentes representações sociais da velhice e também do idoso (SCHNEIDER E IRIGARAY, 2008, p. 2).

Com o aumento da expectativa de vida enquanto fenômeno mundial, o interesse sobre o tema do envelhecimento acentuou-se significativamente nas últimas décadas e inúmeras obras foram publicadas. Um desses autores foi Siqueira *et al* (2002, p. 899-906) que apresenta uma reflexão sistemática de alguns desses estudos sobre a velhice, em seu artigo “*A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais*” no qual agrupa os estudos em quatro perspectivas de análise a saber: “biológico/comportamentalista”, “economicista”, “sociocultural” e “transdisciplinar”.

Em síntese, na perspectiva “biológico/comportamentalista”, esses estudos analisam aspectos fisiológicos, mudanças no perfil populacional e a eficácia de políticas públicas em saúde, que orientam as ações de gerontólogos e geriatras. Nesta perspectiva, os idosos aparecem como portadores de múltiplas patologias sobre os quais os indivíduos e a sociedade devem atuar no sentido de retardá-los (SIQUEIRA *et al*, 2002, p. 901). A velhice é percebida como algo que deve ser retardada, tratada e prevenida, passando a ser um problema coletivo para o Estado.

Segundo Siqueira *et al* (2002), na perspectiva “economicista”, que orienta as ações dos gerontólogos, geriatras e cientistas sociais, as investigações preocupam-se em situar o lugar dos velhos na estrutura social produtiva. A preocupação está na ruptura com o mundo produtivo do trabalho e do mercado com a entrada na aposentadoria. Na medida em que o idoso deixa de ser ativo no setor trabalhista, passa a ser improdutivo e se torna-se um problema social.

A perspectiva “sociocultural” orienta os trabalhos de antropólogos, sociólogos e historiadores, fazendo referência à velhice como sendo socialmente construída. Nesta

perspectiva, existem estudos que levam a compreensão do surgimento da velhice enquanto categoria sociológica, e estão relacionadas com o contexto histórico e cultural de cada sociedade (SIQUEIRA *et al*, 2002, p. 903).

Nesse sentido a imagem do adulto é construída a partir da diferenciação entre crianças e adultos, é moldada por uma série de expectativas sociais, normas e valores que são transmitidos pela sociedade. Sendo assim, isso inclui não apenas as expectativas em relação ao comportamento, mas também em relação às atitudes, sentimentos e habilidades que se espera que um adulto tenha. (ELIAS, 1990 *apud* SIQUEIRA *et al* 2002, p.904).

Segundo o autor, a imagem do adulto e da velhice é moldada pela sociedade e pelas estruturas sociais em que vivemos, e que essa imagem tem evoluído ao longo do tempo. À medida que a sociedade evolui e as normas e os valores mudam, a imagem da velhice também pode mudar e se adaptar a novas demandas sociais.

A abordagem “transdisciplinar” reconhece que o processo de envelhecimento humano é complexo e envolve uma interação entre fatores biológicos e sociais, reconhecendo que é um fenômeno multifacetado e interdisciplinar, vivenciado e representado por cada indivíduo, como evidencia o autor:

A velhice é percebida como fenômeno natural e social, que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento (SIQUEIRA *et al*, 2002, p. 904).

Assim, Siqueira:

Encerra a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que impossibilita retê-la em um conceito ou noção ao investigá-la, deixando ao alcance do pesquisador somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento uma com as outras, e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças (SIQUEIRA *et al*, 2002, p.905).

Nos meados do século XX, os avanços no campo da biomedicina levou ao aumento da expectativa de vida, e conseqüentemente aumentou a expectativa quanto ao envelhecimento da população. Muitos países começaram a produzir políticas e programas de apoio aos idosos, incluindo aposentadorias, pensões, programas e serviços de saúde e assistência sociais, inclusive no Brasil houve conquistas importantes em termos de políticas públicas direcionadas à pessoa idosa, visando proporcionar bem-estar à essa população.

Embora as teorias sobre o envelhecimento tenham sido desenvolvidas em sua maioria no campo das ciências biomédicas, no Brasil, com a reabertura democrática após o golpe militar de 1964, algumas legislações e o novo código civil, a criação do SUS e do SUAS; do Estatuto da Criança e do Adolescente e posteriormente o Estatuto do Idoso, foram ferramentas fundamentais para a garantia de direitos e para que as pessoas idosas pudessem exercer sua cidadania.

A velhice e o processo de envelhecer ainda são pouco estudados em outras áreas do conhecimento além das biomédicas. Quando isso acontece, geralmente as pesquisas tratam a velhice como um problema social, político, econômico e/ou de saúde, e, assim, o sentido atribuído à velhice é sempre negativo, o de uma carga econômica a mais, tanto para a família, quanto para o Estado. Essa concepção imputa o silêncio à população idosa, impedindo-a de decidir seu próprio destino (JARDIM *et al*, 2019, p 28).

De acordo com Dias *et al* (2019, p. 485), “a concepção de velhice, portanto, extrapola o aspecto meramente biológico e reflete também aspectos socioculturais. E, por ser também uma construção social, o preconceito se faz presente”. A velhice é colocada à margem, o que é contraditório, uma vez que todos querem viver por muitos anos, mas, não desejam ficar velhos/as ou se parecer com estes (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008; *apud DIAS et al*, 2019, p. 485).

Embora, nossa sociedade ainda perceba os idosos da maneira como Beauvoir (2018) descrevia no século XX, estereotipada, negativa, degenerada, no século XXI a velhice vem ganhando um novo tom nas pesquisas e nas teorias que fazem crítica aos modelos tradicionais e biomédicos (FELDMAN, 2015). Essa mudança é reflexo de uma visão mais integral e transdisciplinar em saúde que considera os aspectos positivos da velhice, suas potencialidades, possibilidades, respeitando os limites e as condições de cada pessoa em sua singularidade.

Apesar do mundo capitalista cultuar a juventude, estudos apontam que em breve, uma parcela da população que continuará crescendo será a de pessoas com idades próximas ou acima dos cinqüenta anos (Wong& Carvalho, 2006). Esse fenômeno é um fenômeno global e já acontece em ritmo acelerado (Vieira e Cepellos, 2022, p. 155). Nesse sentido deve ser analisado pelas empresas e pela sociedade (Lawrence, 1988; 1996, *apud* Vieira e Cepellos, 2022, p. 155).

De modo geral, a trajetória histórica do conceito de velhice e do processo de envelhecer foi marcada por mudanças de atitudes e crenças, influenciadas por fatores culturais, econômicos e sociais. Embora os idosos continuem a enfrentar desafios como

preconceito de idade e isolamento social, há também uma valorização crescente do papel que desempenham na sociedade.

2.3 ENVELHECIMENTO ENTRE OS GÊNEROS SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIAL

O envelhecimento é uma questão vivida por todas sociedades e afeta toda a população, independente de raça, etnia, classe social, orientação sexual ou de gênero" (MANHÃES *et al*, 2018, p. 30). Contudo, o etarismo atua de maneira diferente nas pessoas. Para compreender a maneira como o etarismo atua a partir do gênero é preciso compreender como as sociedades ocidentais estruturam os papéis de gênero e como são construídos os ideais de ser mulher e de ser homem, ou seja, os estereótipos de masculino e feminino. Desde pequenas as mulheres são ensinadas a se encolherem para tornarem-se ainda menores; escutam que podem ser ambiciosas e bem-sucedidas, porém não muito, caso contrário podem ameaçar a posição de dominação do homem (Adichie, 2019, *apud* Araújo, 2022, p. 1874).

Desde a infância os papéis de gênero são bem delimitados: às mulheres lhes são destinados o espaço doméstico, e aos homens o espaço público. Essa maneira de socialização afeta diretamente a maneira como os adultos se comportam (Araújo, 2022).

Segundo Sales (2022, p. 257) “os construtos culturais são responsáveis pelas distinções observadas e aceitas quanto ao comportamento pré-determinado para homens e mulheres”.

Embora existam diferenças biológicas, hoje em dia há uma ampla aceitação de que as condições de homens e mulheres emergem muito mais das construções sociais de gênero que transformam essas diferenças em desigualdades (LORBER, 1994, *apud* BIZIN; SILVEIRA, 2014, p.6; *apud* SALES, 2022, p. 257).

Segundo Saffioti (2014, *apud* Araújo, 2022, p. 1867), a ordem patriarcal de gênero é um pacto masculino estabelecido para oprimir as mulheres, criando relações hierárquicas tanto no âmbito privado quanto no público. Os homens são vistos como superiores e essa superioridade é legitimada por fatores biológicos que supostamente capacitam os homens a controlar as mulheres. Essa ordem patriarcal se perpetua a partir dos estereótipos de gêneros compartilhados desde a infância com as crianças. Isso pode ser percebido nos costumes, onde a mulher desde a sua infância tem, para muitas famílias, que cultivar a servidão, que passa desde os serviços domésticos a profissões que são rotuladas como feminina.

Ao se observar no contexto contemporâneo o fenômeno do envelhecimento humano, vários aspectos têm sido ressaltados. A presença maciça de mulheres idosas na população

mundial tem caracterizado o processo do envelhecimento na contemporaneidade como um fenômeno tipicamente feminino. Teóricos da área têm denominado esse processo de feminização da velhice (FRANCO; JUNIOR, 2011, p.3 *apud* SALES, 2022, p. 255).

Para Dias *et al* (2019, p. 482), a face feminina do envelhecimento é uma constatação mundial, mesmo em países onde nascem mais homens do que mulheres. No Brasil, esse processo de feminização da velhice é nítido, quanto mais a população envelhece, mais feminina ela se torna. Uma explicação para esse fenômeno, encontra-se a mortalidade diferencial por sexo, em que homens morrem mais do que mulheres.

Sales (2022, p. 255), afirma que as demandas de gênero estão fortemente vinculadas ao envelhecimento feminino e ao ônus exercido sobre as mulheres em relação à beleza e juventude, bem como por uma produtividade equivalente à do gênero masculino.

Para Salgado (2002): “[...] sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto, ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado” (SALGADO, 2002, p.12; *apud* SALES, 2022, p. 255).

Sobre as mulheres idosas, Salgado (2002, p. 17; *apud* Egydio, 2017, p. 42), chama a atenção para o fato de que elas fazem parte de uma maioria invisível cujas preocupações emocionais, econômicas e físicas permanecem ignoradas. No contexto da história das mulheres na sociedade é possível observar exemplos de etarismo ao longo dos séculos. As mulheres têm sido freqüentemente avaliadas e valorizadas com base em sua juventude e beleza. Enquanto o envelhecimento é muitas vezes associado a uma diminuição do valor social e pessoal para as mulheres, para os homens a idade muitas vezes lhe confere status e poder sobre mulheres mais jovens. O que podemos observar no trecho em que o autor ressalta:

Vivemos em uma sociedade pensada, baseada e totalmente construída sobre o homem, que no inconsciente coletivo tem deveres sociais como o sustento do lar, enquanto a mulher ocupa a função de propriedade do “macho” que tem desejos sexuais. A possibilidade de a mulher olhar para si e escolher com liberdade como quer se comportar ou o que quer ser, ainda hoje é condenada pela sociedade, por haver uma expectativa para definir a constituição do que é homem ou do que deve ser uma mulher. Isso se deve ao patriarcado (ALBANO, 2020; *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1865).

A vergonha de envelhecer é um sentimento comum entre muitas pessoas, principalmente entre as mulheres, especialmente em culturas que valorizam a juventude e a beleza física e os padrões estéticos ideais. Isso pode levar as pessoas a se sentirem inadequadas ou desvalorizadas à medida que envelhecem.

A pressão sociocultural, sobre elas está relacionada à manutenção de sua aparência física, ao contrário dos homens, preocupados em manter sua aparência emocional: para serem aceitas, as mulheres não podem ser feias; homens não podem demonstrar fragilidade (WINANDY, 2021, p.26).

Winandy (2021, p. 26), aponta que “a preocupação com a aparência é tão grande, que já se criou um termo para esse incômodo: *Age Shaming*. É o nome dado para a vergonha de envelhecer, fenômeno que afeta a saúde física e mental das pessoas, em especial as mulheres.” Embora a vergonha e o medo da velhice, a gerontofobia afete homens e mulheres, o etarismo atua de maneira distinta entre eles.

Araújo (2022, p. 1863) ” afirma que o patriarcado é presente na realidade do país e do mundo, tendo característica a dominação masculina baseada na centralização de poder, onde os homens utilizam-se muitas vezes da violência para consolidar a supremacia no lar”.

O objetivo dessa supremacia masculina é instalar uma ordem moral onde a mulher ocupa posições subordinadas em relação aos homens, sendo obrigada a se voltar ao âmbito doméstico, e sofrer diversos tipos de violência para mantê-la submissa, introduzindo o patriarcado como tática de controle de poder (HORITA, 2020; *apud* ARAÚJO, 2022, p 1864).

Os estereótipos reafirmam o lugar de subordinação da mulher, e reforçam os ideais de beleza, juventude e padrão, oprimindo mulheres reais:

Este estigma opressivo que recai sobre as mulheres envelhecidas e a consequente desvalorização feminina está arraigado na sociedade patriarcal e machista, cujo paradigma é a imagem de uma beleza jovem padronizada, cultuada nas diversas mídias sociais, na família, entre outras, e com atribuições específicas, advindas de uma longa construção social e histórica (SALES, 2022, p.255-256).

A desigualdade de gênero é social e historicamente construída, a partir de papéis sociais do que é ser masculino e o que é ser feminino dentro de uma cultura brasileira machista e patriarcal (Sales, 2022), onde mulheres brasileiras que estão envelhecendo sofrem com a opressão massiva pelo ideário social estigmatizante sobre a velhice feminina:

O corpo jovem é prestigiado socialmente enquanto o corpo velho é descartado e/ou preterido. As mulheres são as principais vítimas desse modelo contemporâneo de valorização corporal, imperativo da sociedade patriarcal e machista vigente (CASTANEDA, 2006; *apud* SALES, 2022, p. 256).

É importante ressaltar que as mulheres são freqüentemente submetidas a formas únicas de preconceito de idade que estão profundamente entrelaçadas com expectativas e estereótipos baseados em gênero:

A desigualdade de gênero é social e historicamente construída, a partir de papéis representativos do que é ser masculino e o que é ser feminino, estando esta idéia intrínseca em uma cultura machista e patriarcal, e, por isso presente na sociedade brasileira. Este desequilíbrio se reflete também na terceira idade, em que o homem e

a mulher idosos são percebidos de formas distintas. Percebe-se que é aceitável que o homem idoso ainda seja uma pessoa ativa em relação à conquista amorosa, contudo, para as mulheres da terceira idade, o relacionamento afetivo é mais difícil, pois elas já não atraem os homens, nem os de sua idade (SALES, 2021, p. 258).

Motta (1999) complementa a visão do papel do gênero na construção dos papéis sociais e apresenta a opressão da mulher como socialmente construída, reiterando que conhecer esses papéis implica sempre uma análise de relações de poder. Estes fatores têm reflexos claros na forma de envelhecer e de encarar a velhice, bem como o fator idade/geração, que também se expressa no marco das relações sociais de poder (EGYDIO, 2017, p. 40).

Durante os séculos XIX e XX, a visão da sociedade em relação ao envelhecimento das mulheres começa a mudar, em parte devido ao movimento feminista. As mulheres passaram a reivindicar sua autonomia e valor além da juventude. No entanto, mesmo com essas mudanças, o etarismo ainda persistia e as mulheres continuavam a enfrentar desafios específicos à medida que envelheciam como discriminação no mercado de trabalho e estereótipos negativos (Araújo, 2022).

Como o envelhecimento diverge do padrão estético imposto pela sociedade, ele passa a ser vivenciado como um defeito, que precisa ser escondido, assim a preocupação estética soma-se aos demais aspectos. “Enquanto a vida passa, o etarismo acontece, principalmente para elas, mulheres que vão se tornando invisíveis, e assexuadas na velhice, sofrendo discriminação de idade, gênero e aparência” (WINANDY, 2021, p. 56).

Para Moreira e Nogueira (2008, p.65), o que deveria ser algo natural da vida, ao ser estigmatizada o processo de envelhecimento ameaça a auto aceitação, auto-estima, podendo ganhar contornos patológicos.

Outro fator relevante é o efeito do etarismo feminino quanto a seu início. As mulheres sofrem o etarismo mais cedo que os homens. No Brasil, conforme a Lei nº 8.842, uma mulher idosa deve ter sessenta anos completos. Contudo, estudos mostram que no país em média com quarenta anos as mulheres brasileiras já começam a sofrer do etarismo feminino (SAMPAIO e ROLIM, 2021).

2.4 DO ETARISMO AO ETARISMO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE

Em todo o território do globo, em especial nos países ditos desenvolvidos, o que se observa é o crescente envelhecimento da população. Esse fenômeno está relacionado ao aumento da expectativa de vida aliado à queda da taxa de natalidade. São resultados conquistados pelas políticas públicas em saúde e dos avanços das ciências biomédicas, aliadas a grande campanha de disseminação de informação acerca da longevidade e da possibilidade de se envelhecer de maneira positiva (Fundação Dom Cabral [FDC], 2020; Gratton & Scott, 2016, *apud*, SEIDL e HANASHIRO, 2021).

O aumento da população idosa tem-se demonstrado uma crise sem precedentes no setor trabalhista. Como observado por Beauvoir (2018), o corpo velho já não atende a demanda produtivista do capitalismo, gerando um problema para o mercado de trabalho que necessita de mão de obra produtiva.

Com a crise sanitária gerada pela pandemia de COVID-19, essa crise se intensificou, quando aconteceram demissões em massa, aposentadorias compulsórias e antecipadas, a não contratação dessas pessoas como a manifestação direta do preconceito advindo do que se denomina de etarismo ou ageísmo (SEIDL e HANASHIRO, 2021).

O que acontece é que as sociedades respeitam os idosos quando estes estão lúcidos e robustos, livrando-se deles quando para ela, eles se tornam decrepitos (Beauvoir, 2018). Mediante a perda da capacidade produtiva esperada pelo capitalismo, a população idosa produtiva é empurrada para a aposentadoria. Para Beauvoir (2018):

Se conserva a saúde e lucidez, nem por isso o aposentado deixa de ser vítima deste terrível flagelo: o enfado. Privado de seu poder sobre o mundo, é incapaz de substituir esse poder, já que, fora do seu trabalho, seus lazeres eram alienados. (BEAUVOIR, 2018, l. 10604).

A autora observa como a população idosa é tratada pela sociedade, que vai aos poucos retirando todo sentido da vida da pessoa velha: O dano que sofreu ao longo da sua existência é mais radical ainda. Se o aposentado fica desesperado com a falta de sentido da sua vida presente, é porque o sentido de sua existência sempre lhe foi roubado (BEAUVOIR, 2018, l. 10604).

O que a autora está descrevendo trata-se do etarismo, ou ageísmo: o preconceito etário. E a discriminação etária refere-se à manifestação do preconceito, ou seja, a

comportamentos de isolamento, evitação e separação das pessoas em função da idade (PALMORE, 1999 *apud* SEIDL e HANASHIRO, 2021).

A questão do etarismo está entre os três grandes “ismos” estruturais de opressão nas sociedades ocidentais, junto ao racismo e sexismo, embora seja muito menos estudado e conhecido. (Palmore, 1999 *apud* 1999 SEIDL e HANASHIRO, 2021).

Em resumo o etarismo é composto por: a) estereótipos: crenças - a maneira como pensamos; b) preconceito etário: atitudes - a maneira como nos sentimos; c) discriminação etária: comportamento - a maneira como agimos; em relação aos outros e a nós mesmos. (Cherry e Palmore 2008 e WHO 2021, *apud* SEIDL e HANASHIRO, 2021).

Conforme Winandy (2021), “ageim” foi cunhado pelo gerontologista, Robert Butler (1969), para definir uma forma de intolerância em relação à idade, com conotações semelhantes ao “racismo” e “sexismo”, direcionada às pessoas idosas, e foi ampliada por Palmore (1999), como um preconceito ou discriminação contra ou a favor de um grupo etário.

O termo “etarismo” foi cunhado pelo médico, psiquiatra, autor americano e o primeiro diretor do Instituto Nacional de Envelhecimento, Robert Neil Butler, em 1969. Ele definiu etarismo, como uma forma de discriminação baseada na idade. Desde então, o termo tem sido amplamente utilizado em estudos acadêmicos e na sociedade para descrever a discriminação e o preconceito contra pessoas idosas. Foi quem primeiro conceituou o vocábulo etarismo, [...] um processo de estereotipação sistemática e discriminação contra pessoas por elas serem velhas, assim como o racismo e o sexismo o fazem por causa da cor da pele e do gênero (MACNICOL, 2006 *apud* LOTH; SILVEIRA, 2013, p. 5; *apud* SALES, 2021, p. 253).

Conforme Sales (2021, p. 253), etarismo, ageísmo, idadismo e gerontofobia têm os mesmos significados, que identificam o preconceito e a discriminação à população com mais idade, sendo uma prática freqüente na sociedade. O etarismo gera incompatibilidade de convivência, desigualdades de oportunidade e de salários.

No Brasil, os estudos sobre o Etarismo são recentes, e Fran Winandy é pioneira na pesquisa e em trabalhos sobre este tema. Psicóloga, especialista em diversidade etária e ativista do assunto, ela aborda no seu livro “*Etarismo: um novo nome para um velho preconceito*”, o medo que as pessoas têm de envelhecer. O livro mostra de forma clara o preconceito sofrido pelos idosos na área da saúde, na publicidade, no cinema, no streaming, nas novelas, nas redes sociais, na moda, nos esportes e até na economia.

O etarismo muitas vezes se manifesta por meio de estereótipos negativos associados à idade, como a idéia de que os idosos são frágeis, incapazes ou menos produtivos, enquanto os jovens são vistos como inexperientes ou irresponsáveis. Esses estereótipos podem levar à

exclusão social e à negação de direitos e oportunidades para indivíduos de determinada faixa etária.

Independente dos termos utilizados para se referir às pessoas com mais idade, o preconceito não se atém apenas a forma de tratamento, ele pode se manifestar-se de maneira sutil, com contextos diários e diversos, ocasionando incômodos e constrangimentos a estas pessoas (Sales, 2021, p. 255).

Segundo Winandy (2021, p.39), no caso do envelhecimento, os estereótipos mais comuns são negativos, e dão origem ao preconceito e discriminação, por isso os estereótipos são as raízes do etarismo. São vistos pelas crianças, adultos, idosos e profissionais de saúde, o aumento e perpetuação do preconceito, causando estresse e ansiedade para aqueles que começam a ter essa percepção do envelhecimento, quando tomam consciência da deterioração da sua aparência.

As percepções pessimistas acerca do envelhecimento podem variar de acordo com cada pessoa, mas existem alguns sentimentos e preocupações comuns que podem surgir. Quanto mais a pessoa estiver exposta a comentários e opiniões negativas a seu respeito, mais ela irá desenvolver uma visão negativa do seu próprio envelhecimento (MAIA, 2021, p. 171).

A sociedade é marcadamente individualista, exibicionista e pouco solidária, na qual o envelhecimento humano é investido de valores negativos, tornando o velho, a velhice e o envelhecer algo indesejável e gerador de sofrimento (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p. 62). Junto ao etarismo está o medo de envelhecer.

O processo de envelhecimento provoca mudanças na aparência, declínio da saúde, possibilidade de dependência na velhice e medo da solidão. Mas, possivelmente o que mais incomoda e assusta é a proximidade com a finitude frente a morte:

Temos dificuldade em lidar com a morte, evitamos pensar, e talvez essa seja a grande angústia. A velhice nos aproxima disso tudo, é o luto das nossas expectativas. Envelhecer é considerar que temos pouco tempo pela frente, e é também olhar para trás, para o que construímos ao longo da vida. A perspectiva da finitude, o mistério, a incerteza, o vazio. Será que é isso que nos dá medo? (WINANDY, 2021, p.28).

Segundo Manhães *et al* (2018, p. 29), o medo de envelhecer é um fenômeno social que está presente em muitas culturas em todo o mundo. Isso se deve em parte à valorização da juventude e da beleza física em nossa sociedade capitalista que cultua o corpo produtivista

(Beauvoir, 2018). O medo e o terror que o imaginário social cria em torno da velhice produz atitude negativa em relação ao envelhecimento e ao processo de envelhecimento.

Existe um “medo da velhice” que está mais associado à sensação de improdutividade e invalidez. É como diz Simone de Beauvoir (2018) “a catástrofe que se abateu sobre eles é que passaram brutalmente do estado de adulto responsável para o objeto dependente” (BEAUVOIR, 2018, L.9147).

Na medida em que o idoso perde sua capacidade produtiva devido a sua condição biológica (Beauvoir, 2018), o envelhecimento enfrenta o etarismo de maneira cruel no contexto de trabalho. Nesses contextos de exclusão etarista, os trabalhadores com mais idade enfrentam discriminação devido à percepção de que são menos adaptáveis, improdutivos ou menos dispostos a aprender novas habilidades tecnológicas. Eles podem ser alvo de estereótipos negativos, serem preteridos em promoções ou serem considerados obsoletos no ambiente de trabalho.

A velhice é associada com a fragilidade, devido aos processos de declínios do organismo biológicos, dependência econômica pela saída do mercado de trabalho e isolamento, uma vez que a sociedade é etarista, o que pode aumentar ainda mais o medo de envelhecer. Na realidade, muitos idosos têm vidas plenas, ativas e gratificantes, mas a narrativa dominante muitas vezes ignora essa realidade e enfatiza os aspectos negativos do envelhecimento (JARDIM *et al*, 2019).

O envelhecimento é um fenômeno natural e inevitável que afeta todas as pessoas, independentemente do gênero, raça, etnia, classe ou orientação sexual. Porém, afeta homens e mulheres, e cada pessoa em sua particularidade, de maneira diferente, tanto em termos de aspectos biológicos, quanto sociais e psicológicos. Sendo assim, o etarismo é mais visível para as mulheres.

A cultura presente na sociedade sexista é desfavorável à mulher, se estendendo por toda a sua vida, tendo um reflexo significativo quanto às cobranças que lhes são impostas no que se refere à aparência, à competência, ao comportamento e vicissitudes outras (SALES, 2021, p. 250).

Segundo Winandy (2021), dentro das organizações, no mercado de trabalho, o etarismo é claro para as mulheres. Elas tendem a encontrar mais obstáculos para equilibrar a vida pessoal e profissional do que os homens. Quando engravidam, quando tem filhos pequenos, quando vão envelhecendo, o etarismo se faz presente ao longo da vida delas. O conhecimento das mulheres mais velhas não costuma ser avaliada da mesma forma que a de seus colegas. A preocupação estética soma-se às demais, trazendo situações

inexplicavelmente mesquinhas para todos, mas especialmente para elas. A autora pontua que as mulheres vão se tornando invisíveis e assexuadas na velhice, sofrendo discriminação de idade, gênero e aparência.

De acordo com Rolim (2021, p. 4), embora o processo de envelhecer seja singular, subjetivo e de certa forma particular para cada pessoa, esse processo é atravessado de modo geral por realidades materiais: físicas, sociais e psíquicas. Nesse sentido, esses aspectos são responsáveis por diversas mudanças nesse momento da vida, exigindo da pessoa idosa um contínuo esforço de reorganização psíquica que é marcada por movimentos intensos de identificações e resistências.

No entanto, à medida que a população global envelhece, é importante mudar essa narrativa e valorizar a experiência e sabedoria dos idosos. Isso pode ajudar a reduzir o medo de envelhecer e a promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as pessoas mais velhas.

2.5 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA

O papel das mulheres na sociedade tem mudado ao longo do tempo e varia de acordo com as culturas, tradições e valores de cada sociedade. Historicamente, as mulheres foram frequentemente relegadas a papéis domésticos e limitadas em suas oportunidades educacionais e profissionais.

Segundo Michelle Perrot (2007), uma das referências no campo de estudo da história das mulheres nos dias atuais, até a referida década as narrativas estavam centradas nos personagens participantes do espaço público e como a mulher tinha como seu ambiente “natural” apenas o lar, sua vida não importava para os historiadores tradicionais (PERROT, 2007 *apud*, FREITAS, 2021, p. 1).

No entanto, nas últimas décadas, houve avanços significativos na luta pelos direitos das mulheres e na busca pela igualdade de gênero.

Na segunda metade do século passado, as mulheres passam a reivindicar seu lugar na História, no sentido de questionar as produções intelectuais que até então privilegiavam um homem universal e abstrato, que era sujeito e objeto de sua história. (FREITAS, 2021, p. 1).

Para compreender a história da mulher na sociedade, é necessário buscar as raízes do patriarcado e como este se estrutura como um sistema social de poder e dominação. O

patriarcado é um sistema social que atribui poder e autoridade aos homens, subordinando as mulheres (Beauvoir, 2018). Nessas sociedades, os homens ocupavam posições de poder nas esferas política, econômica e religiosas, enquanto as mulheres eram geralmente relegadas a papéis subordinados e limitadas apenas às esferas domésticas.

O histórico do patriarcado e a dominação masculina existem há um tempo considerável, compreendendo que as atitudes do homem com relação à mulher e o seu comportamento são reflexos de seu passado e de como nossos antecessores impuseram um suposto padrão (CANUTO, 2021; *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1865).

As relações sociais entre os gêneros são construídas num cenário de disputa política, e na história os homens foram privilegiados. “As expressões cobradas da sociedade quando se escuta ‘seja homem’, sem qualquer explicação do que isso quer dizer, ou ‘aja como homem’, ‘seja uma boa moça’, ‘homem não chora’, ‘isso não é coisa de mulher’, são maneiras dos estereótipos de gêneros moldarem as estruturas patriarcais desde a infância perpetuando a realidade de desigualdades para as mulheres (CANUTO, 2021; *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1865).

A escritora, historiadora e feminista Gerda Lerner (2019, *apud* ARAÚJO, 2022) argumenta que a subordinação das mulheres não era uma característica natural, mas sim uma construção social:

Na divisão do trabalho baseada na divisão sexual do trabalho e a defesa tradicionalista da supremacia masculina, as mulheres eram consideradas inadequadas para funções sociais e economicamente privilegiadas, tais como a educação superior, sob a justificativa de que a menstruação, a menopausa e gravidez serem condições anormais e debilitantes, tornando-as inferiores (LERNER, 2019, *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1866-1867).

Com o processo de modernização das sociedades, o processo de dominação masculina começou a se expandir e atingiu os espaços públicos, agora não só os lares eram locais dominados pelos homens, mas todos os espaços públicos e institucionais:

Com o processo de crescente complexidade das sociedades, a dominação entre os sexos passou a ser mais evidente, sendo que os homens adquiriam direitos sobre as mulheres e filhas, perpassando desde a escolha dos casamentos, o espaço no ciclo reprodutivo e a continuidade ou não da vida (SARTORI E SCHNORREBERGER., 2019, p. 27)

Durante a Idade Moderna, o patriarcado continuou a ser uma força dominante na estrutura social. As mulheres enfrentaram restrições em termos de direitos legais, educação, acesso à propriedade e participação política.

Afinal, após um longo silêncio, as mulheres ganharam a rua. Nas duas décadas de atividade radical que se seguiram ao renascimento do feminismo no início dos anos 1970, as mulheres ocidentais conquistaram direitos legais e reprodutivos, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais e derrubaram crenças antigas e respeitadas quanto a seu papel social (WOLF, 1991, p.25).

O século XX viu o surgimento de movimentos feministas em todo o mundo, com o objetivo de contestar a ordem de dominação masculina e mudar as estruturas patriarcais. Esses movimentos reivindicavam igualdade de direitos das mulheres, autonomia sexual, acesso à educação e oportunidades iguais no mercado de trabalho. A conquista de direitos civis e legais, como o direito ao voto, ao divórcio e à propriedade, foram marcos importante da luta feminista:

Desde então, a luta das feministas tem se voltado para o combate à desigualdade de gênero, que precede até a raça na ordem do discurso, tendo em vista que antes de ser branco, negro ou amarelo, você é mulher ou homem. A constituição do sujeito mulher atravessou toda uma reflexão teórica articulada aos movimentos feministas em diferentes países ocidentais e empenhou em dismantlar a construção do “natural” do feminino (SWAIN, 2017; *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1864).

É importante ressaltar que o patriarcado não é um sistema que afeta apenas as mulheres, mas também impõe expectativas e normas restritivas aos homens. Segundo Tiburi (2020, *apud* Araújo, 2022, p. 1868), o machismo é um sistema de crenças e comportamentos que atribui superioridade aos homens em relação às mulheres, e que a feminilidade e a masculinidade são exclusivos para cada sexo, estabelecendo um binarismo excludente.

A feminilidade e a masculinidade não são características exclusivas de um único gênero. São construções sociais e culturais que variam de acordo com diferentes sociedades e períodos históricos (ARAÚJO, 2022). A expressão da feminilidade ou masculinidade deve ser livre e individual, e não presa a normas rígidas ou exclusivas. Os movimentos feministas desempenharam um papel crucial na luta pela emancipação das mulheres e na promoção de seus direitos ao longo dos anos. O feminismo é um movimento social, político, cultural e científico que busca alcançar a equidade de gênero para dismantlar a estrutura patriarcal que oprime as mulheres (ARAÚJO, 2022).

Segundo Hollanda (2019, *apud* Araújo, 2022, p. 1870), as primeiras manifestações contra a dominação masculina, as mulheres reivindicavam o direito de ler e escrever, questionavam a tutela masculina e lutavam pela emancipação e seus direitos, ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto.

Nos anos 1970, o feminismo teve sua quarta onda, marcada pela exuberância da luta contra a discriminação, alterando costumes e transformando direitos reivindicados. Organizações, congresso e eventos deram visibilidade às reflexões necessárias para a conscientização política e melhoria nas condições de trabalho. Por iniciativa da ONU, 08 de março foi declarado o dia da mulher (HOLLANDA, 2019; *apud* ARAÚJO, 2022, p. 1871).

Conforme Wolf (1991, p. 33), o papel natural da mulher se adaptou após o pós-guerra, quando na segunda onda do movimento, as mulheres da classe média precisaram sair de casa para trabalhar.

Somente em função das dificuldades econômicas, da miséria e da carência de mão de obra masculina, gerada pelas guerras mundiais, é que as mulheres foram chamadas ao mercado de trabalho e uma vida fora do lar. Mesmo assim, ocupavam os piores postos de trabalho e recebiam salários menores e foram sujeitas a situação de opressão. Há que se considerar, no entanto, que esta situação causou ruptura significativa no paradigma que diferencia o mundo do trabalho do mundo doméstico e confronta homens e mulheres assumindo os mesmos papéis (MACEDO, 2003 citado por CAMPOS, 2014; *apud* EGYDIO, 2017, p. 40).

Com o novo modo de produção econômico, a mulher entra no mercado de trabalho e passa a participar dos espaços públicos, contudo submetida às condições precárias de trabalho:

Em especial foi o século XIX que possibilitou o ingresso das mulheres no trabalho das fábricas. Foi um avanço significativo de reconhecimento para as mulheres, com a participação no processo produtivo e com a aquisição de renda, pelo outro lado da história há jornadas de trabalho exaustivas e condições insalubres de trabalho (SARTORI E SCHNORRENBERGER, 2019, p. 28).

De acordo com Sartori e Schnorrenberger (2019, p. 30), com o fim da guerra apareceram campanhas publicitárias induzindo as mulheres a retornarem ao ambiente doméstico, em um novo retrocesso de participação social. Com o retorno dos homens da guerra, as mulheres necessitavam retornar ao lar e novamente se tornar as esposas perfeitas, elas deveriam então:

[...] procurar tornar-se tão atraentes quanto o permitam a natureza e o bom gosto. Depois da guerra, elas deverão vestir-se como mulheres e ter uma atitude feminina. Dir-se-á às jovens que se conduzam e andem como mulheres e por esse motivo adotarão provavelmente saias muito estreitas, que as obrigarão a um modo de andar gracioso (BEAUVOIR, 1949, p. 176 *apud* SARTORI E SCHNORRENBERGER, 2019, p. 31).

Segundo Wolf (1991), na medida em que os movimentos feministas contestaram o papel da feminilidade voltada em torno da beleza, juventude e sexualidade jovial, a função do controle social que já não mais exercia influência sobre a mulher recém-liberada, precisou ser transferida para a preocupação com a beleza, uma realidade de natureza pessoal que veio colonizar a consciência feminina.

De acordo com a autora, Wolf (1991) em determinado momento histórico, as mulheres tiveram imposições sobre seus corpos e rostos, restrições, tabus e punições semelhantes às leis repressoras que existiram no passado. “Recorrendo à conceitos de” beleza”, ela construiu um mundo feminino alternativo, com as próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os de qualquer época passada”(WOLF, 1991, p. 34).

Nas últimas décadas as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. No entanto, as preocupações com o ideal de beleza cresceram em ritmo acelerado. Pesquisas recentes revelam com consistência que no mundo ocidental, entre a maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e equilibradas, existe uma “subvida” secreta que envenena nossa liberdade: impregnada de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (WOLF, 1991, p. 26).

De acordo com Sales (2021, p. 260) a pauta feminista contemporânea é de extrema relevância, ao lutar pela igualdade entre os gêneros, além de combater a desigualdade, a discriminação, questiona os valores que são impostos a mulher pela sociedade patriarcal. À partir destas pautas, a mulher se descobriu como protagonista no âmbito social (trabalho, cultura, política, economia, religião e sexualidade, etc.). Não obstante a validade destas jornadas de lutas, há ainda muito para avançar, no que se refere ao protagonismo da mulher idosa que sofre discriminação em dobro por ser mulher e estar velha.

Na modernidade ocidental, ser velha é, sobretudo, ter perdido a importante condição social de reprodutora e as desigualdades persistem na idade avançada por vários motivos: tradições culturais, interesses e estilos de vida diferentes ou diferenças biológicas, além da influência das normas sociais adquiridas nos anos de formação das atitudes adotadas durante o curso da vida. (EGYDIO, 2017, p. 41).

Com relação ao processo de envelhecimento, segundo Pedereno (2000, *apud* Egydio, 2017, p. 39), não é o mesmo envelhecer para homem e mulher, pois sexo e idade são dois determinantes básicos e universais dos papéis e a posição que ocupam na sociedade.

Pedreno (2000) pondera que a geração de mulheres mais velhas, à época da publicação de seu estudo, desenvolveu um curso de vida muito marcado pela

tradição, sujeitada ao pai e ao marido. Para elas, o ambiente doméstico e para eles, o de ser o sustento econômico e trabalhar fora de casa, o que teve como consequência uma série de restrições sociais, cuja pior consequência é a sub-valorização social, seja na juventude, na idade madura ou na velhice (PEDRENO, 2000, *apud*, EGYDIO, 2017, p. 41).

O papel da mulher na sociedade continua sendo objeto de discussão e debate, à medida que as lutas pelos direitos das mulheres à igualdade de gênero continuam em muitas partes do mundo. É importante reconhecer as contribuições das mulheres em todos os aspectos da sociedade, promover a igualdade de oportunidades e criar um ambiente onde todas as pessoas possam exercer plenamente seu potencial, independentemente do gênero. Desigualdades salariais, falta de representação política e limitações nas oportunidades de carreira, violência de gênero e discriminação são apenas algumas das questões enfrentadas. Movimentos feministas e ativistas continuam a trabalhar para dismantelar as estruturas patriarcais e alcançar a igualdade de gênero.

2.6 A MULHER CONTEMPORÂNEA FRENTE AO ETARISMO

A história da mulher é marcada por violências e lutas por direitos. Algumas conquistas devem ser celebradas, contudo existem muito a se fazer. Historicamente, os papéis de gênero eram determinados pelas funções biológicas, que desde a antiguidade eram valorizadas por meio de mitos. De acordo com Sartori e Schnorrenberger (2019, p. 25), “vários mitos foram responsáveis pela desvalorização das mulheres e pela legitimação de sua opressão. Dentre estes mitos encontram-se o da maternidade, castidade e domesticidade”.

Baseado nas funções reprodutivas, sistemas milenares de dominação baseadas na distinção individuais pela genitália (sexo biologicamente determinado), foram sendo contestados com as revoluções do século XX e a organização do Movimento Feminista. As mulheres foram impulsionadas a reivindicar seus direitos e a luta pela igualdade tomou novos rumos, contestando a lógica patriarcal de dominação (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 25).

O sexo biológico as define e, atualmente também a identidade sexual. Entretanto esta definição não é um conceito que limita as complexidades que envolvem o sexo feminino, pois além de seus corpos e de suas genitálias, existe um sujeito que está envolvido na história, na política, na economia, na sociedade e na cultura (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 26).

Ou seja, com o avanço dos movimentos feminista, as mulheres passaram a ser agentes políticos, econômicos e científicos, alterando, mesmo que de maneira discreta o cenário geral de opressão e violência patriarcal.

Durante as duas guerras mundiais, as mulheres desempenharam papéis importantes nas indústrias, assumindo empregos tradicionalmente ocupados por homens enquanto estavam na guerra. Essas experiências levaram a uma maior conscientização sobre a capacidade e o valor das mulheres no mercado de trabalho, impulsionando movimentos feministas e exigindo maior igualdade de oportunidades de empregabilidade e condições de trabalho:

As mulheres adquiriram gradual consciência de seus papéis sociais moldados na submissão, objetificação e desvalorização. Esta conscientização originou movimentos sociais em prol dos direitos das mulheres, de forma a manter ambos os sexos biológicos em situação de isonomia no plano formalísticos das leis e também no plano das condições reais de vida. Em última análise, houve a reivindicação do reconhecimento do status de ser humano às mulheres (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 28).

De acordo com Sartori e Schnorrenberger (2019, p. 32) a lógica do patriarcado é baseada em idéias e interesses que foram transmitidos ao longo do tempo através de memória lingüística, falada ou não falada. Partindo da perspectiva de Naomi Wolf (2019), a beleza feminina corresponde a um destes mitos fomentadores, que são transmitidos ao longo do tempo e servem como “memória” de dominação, sendo um dos mecanismos que contribuem para a manutenção do patriarcalismo na contemporaneidade (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 33).

De acordo com Sartori e Schnorrenberger (2019, p. 34), não se consegue definir como surgiu o apreço à beleza enquanto estereótipo de sustentação do patriarcado como estrutura de dominação. A beleza não era um padrão estabelecido naturalmente, mas uma idealização de um corpo perfeito culturalmente construído, que adquiriu valorização entre os indivíduos da sociedade, mediante o estabelecimento de padrões a serem seguidos e que foram difundidos massivamente pelos meios de comunicação de massa.

Sartori e Schnorrenberger (2019, p.35) pontua que conceito de beleza não é objetivo ou natural aos seres humanos: “Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza” (WOLF, 2019, p. 30)”. A beleza se tornou importante para a manutenção do patriarcalismo, porque é uma das últimas ideologias com poder de controlar as mulheres após o período pós-guerra.

Apesar da conquista de alguns direitos sexuais e reprodutivos em vários países ocidentais, as mulheres ainda não possuem o pleno direito sobre seus corpos, desejos e subjetividade, sendo vítimas das opressões do patriarcado:

Os padrões de beleza tornam-se cada vez mais rígidos conforme as mulheres ocupam espaços de maior poder e prestígio social, pois “O mito da beleza não têm absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens” Este mito não objetiva a hegemonia dos padrões estéticos, mas sim dos padrões comportamentais. (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 39).

Quanto às pressões estéticas enfrentadas pelas mulheres na sociedade contemporânea, segundo Sales (2021, p. 256), aponta que as mulheres são submetidas a essas pressões como uma forma de postergar a imagem juvenil, ou seja, para tentar parecer mais jovens por mais tempo. Essas pressões são influenciadas pelos padrões físicos, estéticos e produtivistas que são demandados pelo sistema capitalista que se configura como patriarcal.

Em nossa sociedade, caracterizada como urbana e capitalista, observa-se uma supervalorização da juventude, traduzida numa preocupação excessiva com a aparência e o culto ao corpo esbelto, saudável e jovial. Tenta-se, através de diversos meios, adiar o envelhecimento, por se temerem a finitude e as repercussões sociais (VIEIRA, 2004 apud CASTO; BUSON, SANT’ANA, 2020, p. 40 *apud* SALES, 2021, p. 256).

Um aspecto importante é a representação da mulher mais velha nos meios de comunicação e na cultura em geral. As mulheres mais jovens geralmente têm mais visibilidade e oportunidades de representação, enquanto as mulheres mais velhas são freqüentemente marginalizadas ou estereotipadas.

As imagens veiculadas de forma massiva pela mídia são porta vozes de símbolos considerados belos que visam impor às mulheres a obrigação de seguir suas estipulações. Este processo internaliza os conceitos de beleza no patrimônio identitário das mulheres, de forma inconsciente e imperceptível (SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, p. 39).

As pressões estéticas imposta às mulheres é um reflexo de normas sociais e influências culturais. As mulheres se tornam reféns desses padrões físicos, o que significa que elas se sentem obrigadas a atender a esses ideais de beleza para serem aceitas ou consideradas atraentes. Na tentativa de atender tal demanda, as mulheres fazem o mercado de beleza enriquecer: ocorre uma busca frenética por produtos milagrosos que prometem rejuvenescer a pele; cirurgias e intervenções plásticas para atenuar os sinais da idade; ácidos e técnicas inovadoras para manter o aspecto de “beleza eterna” (SALES, 2021, SARTORI E SCHNORREBERGER, 2019, WOLF, 2019).

Os mecanismos utilizados pelo mercado da beleza, envolve a supervalorização da beleza e da eterna juventude sem levar em consideração os possíveis danos que essa ideologia pode acarretar. Ao representar um ideal de imagem, ou seja, algo que não pode ser de fato alcançado, o mercado da beleza pode produzir nas mulheres idosas danos físicos e/ou psicológicos. Nesse sentido, as possíveis mudanças causadas podem alterar seu auto-conceito de identidade, acarretando questões subjetivas, traumas e dores por não alcançar o que foi prometido (SALES, 2021).

O mercado da beleza não é ingênuo. Levando em consideração que a sociedade considera o envelhecimento um processo insignificante, “descartável”, um “fardo” para os mais jovens e para o Estado, e se tratando do envelhecimento da mulher um fenômeno duplamente negligenciado, o mercado da beleza encontra na população idosa feminina um nicho lucrativo para investir:

Em nível social, o envelhecer é considerado uma etapa insignificante e, por vezes, até descartável, porém esta desvalorização é lucrativa para o mercado da beleza, que para divulgar seus produtos “milagrosos”, utiliza-se das várias publicidades, com o intuito persuasivo. “A publicidade, quando diz respeito à velhice, tem como nicho principal de consumo as mulheres: a desvalorização da mulher velha gera lucro (GEROLAMO, 2019, p.71; *apud* SALES, 2021, p. 257).

Não se trata de benevolência do mercado da beleza para com as mulheres velhas, é somente uma maneira de explorar ainda mais as mulheres que já não podem ser exploradas pelo mercado formal de trabalho, que já não são consideradas mais força produtiva como diz Simone de Beauvoir (2018). Esse tipo de publicidade é específico para o consumo visando o lucro: A publicidade, quando diz respeito à velhice, tem como nicho principal de consumo as mulheres: a desvalorização da mulher velha gera lucro (GEROLAMO, 2019, p.71; *apud* SALES, 2021, p. 257).

Uma das principais formas de etarismo que as mulheres enfrentam é a pressão social para parecerem jovens e se encaixarem nos padrões de beleza estereotipados da sociedade. A mídia e a indústria da moda frequentemente promovem uma imagem idealizada da juventude, o que pode levar muitas mulheres a se sentirem inadequadas ou invisíveis à medida que envelhecem., produzindo por vezes sofrimento psíquico.

E o ponto fundamental a nos preocupar com tais estratégias é a manutenção da estrutura de poder patriarcal que opera repetindo os estereótipos de gênero desde a infância na educação (ADICHIE, 2012, *apud* ARAÚJO, 2022). Vão se repetindo as formas de opressão a

partir dos mitos de feminilidade de maneira transgeracional e as mulheres vão passando umas às outras os modelos de “ser mulher” que as aprisionam e as oprimem.

Desde a antiguidade as mulheres são vistas pelos homens, e conseqüentemente acabam reproduzindo essa visão no modo de educar as crianças, como um objeto de domínio do homem. Na visão patriarcal que sustenta nossa sociedade capitalista:

O destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo; (...) a mulher assume um caráter sobrenatural: é uma mágica, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (Beauvoir, 2018, l. 2309-2320).

O mercado da beleza usa o medo deste destino inevitável delegado às mulheres idosas para seduzi-las. O medo de tornar-se menos que humano, de perder seu lugar na sociedade, ainda que seja um lugar de objeto sexual, acaba por levar mulheres ainda considerada jovens (na faixa dos quarenta anos), como demonstrou o estudo de Rolim, (2021), a procurarem procedimentos estéticos para esconder os sinais do envelhecimento.

Esse contexto se vale de uma perspectiva que contextualiza a velhice apenas da perspectiva biológica e naturalizam-te, que fortalece o etarismo feminino e o estigma contra as mulheres idosas. Nesse sentido, devemos enfrentar esse problema de maneira constante, em uma luta ampla por conscientização. No final de 2020 a Organização Mundial de Saúde OMS, se mobilizou e proclamou um plano denominado “Década do Envelhecimento Saudável 2020-2030” (SAMPAIO, 2022, p. 31).

O objetivo comum, tanto às mulheres idosas, quanto a sociedade em geral, deve ser a luta pelo apoio indispensável de governos, agências internacionais, instituições acadêmicas, mídias e meios de comunicação, para que em conjunto todos possam conduzir campanhas que denunciem o etarismo, principalmente o etarismo feminino, para que assim novas gerações possam construir outras formas de se relacionar com o processo de envelhecimento (SAMPAIO, 2022).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi realizado a partir do modelo de “pesquisa bibliográfica”, proposto por Antônio Gil (2002). Para este autor, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Optou-se por esse modelo, pois proporciona ao pesquisador uma gama de fenômenos com maior amplitude, tirando proveito de diversos autores sobre o assunto pesquisado (GIL, 2002).

Adotou-se a abordagem qualitativa, “já nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos” (GIL, 2002, p. 134). Para Minayo (2021, 2011), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

De acordo com Godoy (1995), existem características básicas que definem os estudos qualitativos, devendo sempre ser analisados de maneira integrada. Assim sendo “considerando, no entanto que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 21).

O levantamento de literatura foi realizado mediante a busca de materiais impressos na biblioteca da Faculdade Fasipe-Cuiabá, no acervo físico e virtual, bem como pelos principais buscadores digitais de conteúdos acadêmicos como *Google Acadêmico*, *Ebook Kindle* Simone de Beauvoir e Fran Winandy; e também nos principais indexadores de periódicos científicos como Scielo, Biblioteca Virtual de teses e dissertações, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de periódicos da Capes. Para o levantamento da coleta de pesquisa do material em formato digital foram utilizados termos descritores: velhice, feminino, etarismo, machismo, sociedade.

A seleção de textos para composição da amostra para este estudo teve como critérios de inclusão: estudos produzidos entre os anos de 2011 e 2022; processo histórico do envelhecimento; teorias do envelhecimento; gênero e etarismo. Nesse momento, considerou-se importante priorizar os materiais que pudessem contribuir com os temas a serem desenvolvidos no presente trabalho.

O material selecionado foi submetido a uma leitura prévia e cuidadosa a fim de realizar uma análise de caráter exploratório. Pesquisas exploratórias têm como objetivo, segundo Gil (2002) “(...) proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito”, “(...) o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições“. Nesse sentido é necessário se considerar que o planejamento desse tipo de pesquisa é “bastante flexível” (GIL, 2002, p. 41).

Durante a fase exploratória é o momento da pesquisa em que todos os procedimentos necessários para a entrada em campo são preparados (MINAYO, 2011). Todo tempo, empenho e investimento dedicados, a definir e delimitar o objeto; todo processo de desenvolvimento teórico-metodológico, o levantamento de hipóteses, escolha de instrumentos, operacionalização de cronograma e produção de plano de ação, fazem parte do processo de pesquisa (MINAYO, 2011).

Para Minayo (2012), quando se trata de pesquisas qualitativas, o processo de análises de dados deve estar necessariamente contextualizado dentro do escopo da investigação proposta. Ou seja, deve-se levar em consideração no momento das análises e descrições, o objetivo, o referencial teórico-metodológico, bem como os indicadores encontrados no percurso, os quais serão organizados e alinhados com a literatura de referência base adotada (MINAYO, 2012).

Por se tratar de uma pesquisa de revisão bibliográfica, qualitativa de cunho exploratório, mediante o tratamento do material selecionado foram elaboradas discussões acerca dos temas que são pertinentes para responder os objetivos deste estudo. Foram apresentados acima os temas e análises produzidas após as análises dos dados coletados na pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envelhecer é um processo natural da vida. Em toda história, em qualquer cultura, as sociedades enfrentaram o problema da vida, em ver o corpo jovem ir aos poucos perdendo sua funcionalidade, beleza e juventude. Com o passar do tempo, a morte e o fim da vida que a velhice anuncia, foi sendo transformada ao longo dos séculos pela humanidade. Em cada momento histórico, o envelhecimento foi significado e entendido de maneira particular. O corpo velho assumiu na história diversos lugares, desde estatuto de sabedoria a poder político e sagrado para pária, à escória da sociedade.

Mas é, sobretudo no momento da revolução industrial que a velhice se torna um problema social e ganha interesse econômico, político e científico. A demanda do sistema capitalista pelo corpo jovem, saudável e produtivo, faz com que o corpo velho seja descartado, e assim, vire um problema social. Um gasto para o Estado, que agora lida com um corpo improdutivo e que depende da aposentadoria. Logo, como uma saída milagrosa, a medicina ocupa-se de estudar do corpo velho, doente, que anuncia a morte, o fim da vida e a degeneração da espécie.

A velhice passou a ser alvo da preocupação da sociedade para descrevê-la, diagnosticá-la, medicalizá-la, patologizá-la, estigmatizá-la, institucionalizá-la, marginalizá-la, excluí-la. Tornaram a velhice um objeto vazio, como diz Simone de Beauvoir (2018), sem perspectiva de futuro. A própria sociedade criou o medo de envelhecer a partir dos estereótipos que criaram sobre a velhice. Tornar-se velho é sinônimo de tornar-se inútil, descartável. Ninguém quer ser jogado fora, ninguém quer ser dispensável.

Ao escrever sobre a velhice, Simone de Beauvoir (2018) encontrou na história elementos importantes que distinguem o processo de envelhecer para as mulheres. A filósofa compreende a velhice como um tempo de muita angústia, contudo para as mulheres esse tempo é duplamente angustiante, uma vez que o patriarcado as oprime, e as subjuga antes mesmo de envelhecer.

As mulheres foram conquistando seus direitos, e reivindicando sua posição no mercado de trabalho. Os movimentos sociais feministas, as organizações sociais, e as cientistas feministas avançaram no século XX. Muitas conquistas devem ser celebradas, porém o patriarcado e as opressões de gênero continuam operando, e ainda mais forte na vida das mulheres idosas.

Com a pandemia de COVID-19, foram as mulheres mais velhas que foram demitidas, aposentadas, e não contratadas. São elas que chegando aos quarenta começam a questionar sua identidade, sua beleza e sensualidade, etc. O vazio que os estereótipos produzidos pelo etarismo feminino produziu um espaço para o mercado da beleza exercer sua influência.

Na medida em que a cultura, as gerações vão reforçando os estereótipos de gêneros, nos quais as mulheres são definidas apenas como objeto erótico, feminino, belo, juvenil, sensual, o medo instaurado pelo mercado da beleza é o aquele que Simone de Beauvoir (2018) descrevia no século passado como imaginário da velha idosa, que perdeu seu status de “um objeto erótico”, afinal, um homem jovem pode desejar uma mulher velha para ser sua mãe, mas não sua avó. Isso é naturalizado em nossa sociedade e inclusive incentivado nas mídias, é comum ver a figura da idosa sendo associada à perda de valor erótico e à perda de importância. Em contrapartida, nas mesmas mídias, o que se apresenta e se constrói é a idéia da idosa “a-desejante”, aquela que morreu, que perdeu o seu valor erótico (BEAUVOIR, 2018).

Vai-se perpetuando essa ideologia machista e patriarcal sobre a condição da mulher ligada a beleza e juventude enquanto sua função na sociedade de objeto erótico. Essa ideologia é utilizada pelo mercado da beleza para vender soluções milagrosas para o sofrimento advindo dessa estrutura patriarcal machista e etarista que oprime as mulheres idosas, retirando delas qualquer condição de viver plenamente a vida.

Parece ao fim que Simone de Beauvoir (2018) estava certa em seus pensamentos já no século passado, no sentido ao papel atribuído às mulheres idosas na sociedade, que muitas vezes são retratadas como não sendo mais desejáveis ou sexualmente atrativas. Embora o homem tenha destinado à mulher idosa ao lugar de vítima, do patriarcado e do etarismo, elas resistem e demonstram ser capazes de ter desejo mesmo frente a castidade imposta pela sua condição existencial de ser mulher e idosa (Beauvoir, 2018).

A sociedade tem ignorado esse desejo. O preconceito e etarismo feminino tem posto as mulheres idosas em isolamento. Contudo, o mercado da beleza tem captado esse vazio, com a publicidade bem direcionada, perpetuando assim a estrutura de dominação patriarcal.

Para que o ciclo seja quebrado e as estruturas sejam modificadas, é necessário que haja um esforço coletivo de toda a sociedade. Mudanças na forma de educar as futuras gerações; modelos de inclusão para mulheres nos espaços de poder; leis e regulamentações trabalhistas; marcos legais e institucionais que garantam os direitos e a cidadania das mulheres frente ao processo de envelhecimento.

Somente com a mudança de perspectiva cultural sobre o envelhecimento é que efetivamente poderemos pensar em um envelhecimento saudável e numa superação para o etarismo em nossa sociedade. E essa tarefa é uma tarefa que deve ser desempenhada de maneira coletiva por toda a sociedade. Sugere-se que estudos e pesquisas, sobre o tema, sejam feitos de maneira a aprofundar a relação entre o etarismo e a produção de subjetividade das mulheres. A temática em questão também é muito relevante para a psicologia, uma vez que os estudos do envelhecimento e desenvolvimento humano têm ganhado destaque na atualidade, sendo considerada uma das áreas mais proeminente no campo psicológico de pesquisas e avanços tecnológicos.

Para além das contribuições acadêmicas, acredita-se que trazer este debate à sociedade é de extrema importância, uma vez que o perfil populacional tende a ficar cada vez mais velho, e as pessoas precisam aprender a conviver com o envelhecimento de maneira a ter mais qualidade de vida e prazer em viver.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de; **A velhice (recurso eletrônico)** / Simone de Beauvoir; tradução Maria Helena Franco Martins. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Recurso digital (Biblioteca áurea). Formato: E-book Kindle

Canôas, C. S. (1985). *A condição humana do velho*. (2a ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Dias, M. D. J. S., Azevedo, L. M. N., da Silva, L. C. N., & de Sousa, F. T. L. (2019). **Violência simbólica contra mulher idosa nas relações de gênero**.

DE ARAÚJO, Lorna Beatriz Negreiros. **Das origens do patriarcado ao surgimento do movimento feminista: a conscientização da mulher e a quebra de estereótipos machistas**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 3, p. 1863-1881, 2022.

DE FREITAS, Ana Beatriz Araújo. SAFFIOTI, Heleieth IB **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528p. Revista de História da UEG, v. 10, n. 01, p. e012124-e012124, 2021.

EGYDIO, Lucila. **Do Feminismo à Feminização: Gênero e Envelhecimento em uma sociedade em transformação**. Revista Longeviver, 2017.

ESTATUTO DO IDOSO. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em 11 de novembro de 2022.

FELDMAN, Robert S., tradução: Daniel Bruno, Sandra Maria M. da Rosa; revisão técnica: Maria Lucia T. Nunes, **Introdução à psicologia**, 10ª ed – Porto Alegre: AMGH, 2015, mod. 29 pg. 373.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueiroa de; BRITO, Ana Maria de. **Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice.** Revista brasileira de geriatria e gerontologia, v. 9, p. 25-34, 2019.

MAIA, Carlos **Percepções de envelhecimento e construção social da velhice. Olhares Sobre o envelhecimento; Estudos preliminares,** v. 1, p. 169-178, 2021.

MANHÃES, Fernanda Castro; GUIMARÃES, Décio do Nascimento; MACIEL, Priscila C. da Silva. **Livro Envelhecimento humano em processo. “Gerontofobia”, o medo de envelhecer na sociedade contemporânea: uma análise bibliométrica.** Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018 . Cap. 2, p.28-41.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Editora Vozes Limitada, 2011.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Ciência & Saúde Coletiva, v 17, n 3, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. **Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade.** Psicologia USP, v. 19, p. 59-79, 2008.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio. **A velhice segundo Simone de Beauvoir: considerações para uma gerontologia do envelhecimento.** Corpoconsciência, p. 237-250, 2021.

ROLIM, Ana Adélia Luna. **Preconceitos e estereótipos da mulher idosa: O lugar social na velhice. Trabalho de conclusão de curso.** Juazeiro do Norte: p. 01-20. 2021.

SARTORI, Alana Taíse Castro; SCHNORRENBERGER, Neusa. **O processo de dominação dos corpos das mulheres através do" mito da beleza" de Naomi Wolf.** In: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. 2020. p. 24-44.

SALES, Julia Santana. **A feminização da velhice e o etarismo.** In: TERRA, Bibiana. **DIALOGOS DE GÊNERO: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS.** Cruz Alta: Ilustração, 2022. Cap. 16. p. 249-262.

SAMPAIO, César Augusto. **A representação social da mãe idosa na publicidade brasileira do Dia das Mães: do empoderamento do femvertising à comunicação consolatória.** 2022.

SEIDL, J.; HANASHIRO, D. M. M. **Etarismo e gestão da diversidade etária: conceitos e escalas.** In: **Trabalho, maturidade e aposentadoria: estudos e intervenções**, p. 49-66, 2021.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais.** Estudos de psicologia, v. 25, n. 4, p. 585-593,

SILVA, Luna F. Silva. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento.** Rio de Janeiro – RJ. 2007

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais.** Ciência & saúde coletiva, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.

VIEIRA, Renata Assis; CEPellos, Vanessa Martines. **Mulheres Executivas e seus Corpos: as Marcas do Envelhecer.** Organizações & Sociedade, v. 29, p. 151-176, 2022.

WINANDY, Fran. **Etarismo: um novo nome para um velho preconceito.** 1ª Ed. Divinópolis, MG: Adelante, 2021. ePub3. E-book Kindle

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres/Naomi Wolf;** tradução Waldéa Barcellos. 18 ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. p.9-489